

Sarney reativará o conselho político

Ele quer mais coesão política e diálogo com a Aliança Democrática

O conselho político do Governo vai ser reativado pelo presidente José Sarney, depois do dia 1º de março, quando termina o recesso do Congresso Nacional. A decisão foi comunicada pelo próprio Presidente aos senadores Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB, e Carlos Chiarelli, líder do PFL.

Segundo Chiarelli, o presidente Sarney não marcou nenhuma data, mas disse que vai ser breve a primeira reunião depois da reativação e que o Conselho vai ser o canal de diálogo entre os poderes Executivo e Legislativo, evitando a desinformação, já que o fluxo de informação será mais constante.

A decisão de Sarney já tinha sido tomada há alguns dias, mas antes de anunciá-la, ele esperou primeiro a definição das lideranças dos partidos políticos que fazem parte da Aliança Democrática, que sustenta o governo, disse Chiarelli. A decisão de convocar o conselho foi a informação mais objetiva que Sarney deu para os parlamentares.

A última reunião do conselho político foi realizada no dia 12 de agosto do ano passado. Ele é presidido por Sarney e composto pelos líderes do PMDB e PFL: Fernando Henrique e Chiarelli, do Senado; os de-

putados José Lourenço (PFL/BA), Luiz Henrique (PMDB/SC), da Câmara; Carlos Sant'Anna, líder do Governo na Câmara; e pelos ministros da Justiça, Paulo Brossard; e do Gabinete Civil, Marco Maciel.

COESÃO

Para resolver os problemas do País, o presidente Sarney disse que é preciso a coesão de todos os políticos, não apenas da Aliança Democrática, disse o senador Fernando Henrique Cardoso. Acrescentou que unidade não quer dizer que os pontos de desentendimento desapareçam. Ele acha que os políticos devem ter compreensão para alcançar resultados concretos.

Cardoso disse que o presidente Sarney tem todo o apoio necessário para realizar as mudanças na economia, mas não revelou se vai haver um novo choque. Ele respondeu com ironia: "Eu não sou electricista, por isso não entendo de choque".

Chiarelli não disse claramente se o Presidente tem apoio do PFL, para realizar as mudanças, garantindo apenas que Sarney é um liberal e não havia razão para o PFL discordar de suas atitudes.

Apesar dos transtornos, Sarney estava bem, segun-

do assegurou Chiarelli: O Presidente não apresentava nenhum "ódio" e não estava "rebelado" com ninguém.

AÇÃO CONJUNTA

Os líderes do PMDB, Luiz Henrique, do PFL, José Lourenço, e da maioria na Câmara, Carlos Sant'Anna, moderar se encontraram durante o final de semana para acertar formas de atuação conjunta de suas bancadas no Legislativo e evitarem conflitos capazes de perturbar a convivência na Aliança Democrática.

Sant'Anna negou que tivesse adiado um encontro previsto para ontem, que, assegurou, não foi marcado. Mas admitiu que eles precisavam acertar vários assuntos comuns e capazes de permitir que os partidos tenham harmonia de conduta, já que o Governo visa com isso ter estabilidade política.

Lembrou, então, que uma das suas missões é unificar o comportamento do PMDB, de modo a que as votações não mais sejam feitas de acordo com as posições das alas do partido, o que deixa o Governo sem meios de aferir tendências e sem segurança para a aprovação dos assuntos de seu interesse.

Presidente pede confiança

O presidente da República afirmou ontem, em seu programa semanal "Conversa ao pé do rádio", que o Plano Cruzado não morreu, "como anunciam e desejam seus inimigos. Ele não morreu e nem morrerá. Prestou grandes serviços ao Brasil e vai continuar a prestar. Ele está vivo. É uma etapa irremovível da história brasileira", completou o Presidente.

Sarney afirmou que não existe nada de catastrófico no País, e que "nós vamos encontrar a saída". O mesmo otimismo ele atribuiu ao combate aos juros altos, afirmando que "nenhuma economia suportaria as taxas de juros que neste momento nós temos". Segundo afirmou, "é preciso ter perseverança e decisão. E estas não me faltarão. Por isso, o trabalho aqui é dia e

noite e, como tenho dito, os brasileiros e as brasileiras podem confiar. Podem confiar, porque este País vencerá todas as dificuldades".

Em seu programa, o Presidente afirmou que, na Presidência, já atravessou coisa muito pior do que o momento presente e pediu o apoio do povo, dos políticos, da estrutura política "que foi eleita graças ao apoio de vocês, à confiança que vocês deram ao meu Governo, aos seus planos, à sua compostura, à sua austeridade e ao seu desejo de acertar". Para o Presidente, "em meio de dificuldades muitos vacilam". Vacilam, segundo disse, na crença e nas esperanças. "Mas o Presidente não vacila, nem vacilará e nem pode facilitar". Sarney anunciou que vai manter firme o programa: "Nada

de recessão. Vamos manter o nível de empregos. Vamos manter o valor real dos salários. Vamos continuar a prioridade para o social, para combater a pobreza absoluta".

Por último, o Presidente, depois de citar os contratos para conclusão da Ferrovia do Aço e construção da Linha Vermelha, no Rio, e da ferrovia Norte-Sul, que ligará Carajás a Brasília, conclamou a população para se unir contra os especuladores, "que estão achando que vão voltar. Mas eles não voltarão. Ninguém perde por esperar". Disse Sarney que mudança não se faz do dia para a noite e que "é preciso saber que o Brasil não vai acabar amanhã. Precisamos de ter tempo. Não se conserta uma estrutura arcaica em uma semana, em um mês e às vezes nem em um ano".

"PMDB deve assumir prejuízos"

O líder do Governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, está convencido de que o PMDB deve ajudar o Governo a resolver os problemas econômicos do País. Ele argumenta que o partido "foi no lucro", e agora deve ir no "prejuízo", dando todo o apoio necessário para superar esse momento de crise. Sant'Anna negou que esteja trabalhando na montagem de um partido para apoiar o presidente José Sarney, mas apenas para unir o PMDB.

Para o líder que ontem esteve no Palácio do Planalto conversando com os chamados ministros da Casa — Marco Maciel, chefe do Gabinete Civil; general Bayma Denny, chefe do Gabinete Militar; e general Ivan de Souza Mendes, chefe do SNI — o PMDB lucrou com o Plano Cruzado I, e agora deve assumir o Plano Cruzado II. Sant'Anna disse que as medidas corretivas que serão lançadas brevemente, para realinhar a economia. Isso ele vai conversar com todos os ministros.

Sant'Anna não concordou com a posição assumida

da pela deputada Beth Mendes, que está colhendo assinaturas para convocar o Congresso Nacional para debater a crise, porque o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e depois o ministro do Planejamento, João Sayad, poderão ser convocados para um debate amplo com os parlamentares. A convocação do Congresso, no seu entender, deve ficar para uma segunda fase. Sayad está em São Paulo, com meningite. Os detalhes ainda estão sendo acertados.

É importante que a área parlamentar se sinta participativa, disse o líder, e nesse encontro informal será possível, através de uma exposição "franca da situação", mostrando como estão sendo avalladas as medidas, planos e projetos. Sant'Anna acha que assim vai romper a "caixa-preta", que ele considera que se vai quebrar, e que pode até estar tudo certo lá dentro, mas a gente não está sabendo como é que é. Pode estar tudo certo lá dentro, mas sem ver, às vezes, a gente toma uma posição emocional".

Sant'Anna rechaçou as afirmações que garantem que ele, como líder do Governo, tem a missão de formar um novo partido para apoiar o presidente José Sarney. Disse que quem vem afirmando isso não o conhece, lembrando que a sua "tradição no partido é de trabalhar por sua união e coesão".

Para Sant'Anna, se a missão fosse de "fragmentar" o PMDB, com certeza, ele não seria convocado por Sarney. Por isso, ele voltou a reafirmar que a sua tarefa é de trabalhar pela unidade do partido, reunindo todas as forças para fazê-lo "unido e coeso".

O líder reconheceu as dificuldades que vai enfrentar para desempenhar o seu papel, mas disse que tudo está indo muito bem, e já vem conversando com o líder do PMDB na Câmara, deputado Luiz Henrique, e trabalhando pela estabilidade política do País, especialmente para sanar as dificuldades econômicas. Para isso é preciso que seja feito um bom trabalho em conjunto, observou.

PFL não vê motivo para mágoas

"O presidente da República não pode estar magoado com o PFL. Nós estamos com ele, dispostos a apoiá-lo, e só criticamos os ministros da área econômica, o que, aliás, o PMDB está fazendo. A Nação também" — observou ontem o presidente do PFL, deputado Maurício Campos (MG), para quem os deputados "não estão insatisfeitos com o Presidente, mas sim com os ministros".

Apesar das afirmações de Campos, o descontentamento no PFL com o Governo existe. O próprio Campos reconhece que o pronunciamento do ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, contra a política econômica conseguiu a maior repercussão e deverá ter desdobramentos na reunião com os presidentes dos diretórios regionais, marcada para 18 próximo.

Eleito deputado federal pelo PFL, em oposição à coligação PMDB-PDS, o ex-senador Aloísio Chaves (PA) observou que os novos parlamentares pefelistas têm compromissos com suas bases e não podem, em consequência, aceitar o esquema atual de submis-

são do partido ao PMDB. "Essa posição secundária não pode continuar".

O PFL tem, a seu ver, de receber um tratamento adequado: "Em sendo Governo, ser tratado como Governo". Isto não será fácil, na sua opinião porque o PMDB continua interessado em patrulhar o Presidente da República, aumentando seu poder no ministério. A crise atual, o confronto PFL-PMDB, tende, pois, a aumentar, a não ser que o Presidente se livre da tutela. Foi por isto que Sarney nomeou diretamente o seu líder, o deputado Carlos Sant'Anna.

Na opinião de Aloísio Chaves, as entrevistas de Aureliano Chaves refletem muito bem o que existe no partido. "Naturalmente que Aureliano credencia-se, cada vez mais, para ser candidato do PFL à Presidência da República. Para enfrentar um homem como Brizola, com seu impeto e agressividade, precisamos de um candidato com a bravura e a franqueza de Aureliano Chaves".

O PFL não deve, a seu ver, aceitar a discussão, agora, de qualquer proposi-

ta sobre a redução do mandato do presidente Sarney. Ele tem, pela Constituição, direito a seis anos de mandato e o PFL deve ficar cauteloso, esperando que o PMDB tome uma posição.

Maurício Campos confessou-se surpreendido com as informações de que o Presidente da República estaria magoado com o PFL. Acha que não há motivos porque o partido sempre lhe deu apoio e está criticando os ministros da área econômica porque é evidente que fracassaram e vêm prejudicando o Governo. A insatisfação da Nação com esses ministros é incontestável e o PFL entende que, ao condená-los, está ajudando o Presidente da República.

"Como ninguém faz omelete sem quebrar ovos, a nossa posição, magnificamente exposta pelo ministro Aureliano Chaves, teve uma grande repercussão", observa Campos que também considera natural a entrevista cautelosa do ministro Marco Maciel, chefe do Gabinete Civil. "Estamos num movimento pendular em busca do perfeito equilíbrio" — comenta.

LUIZ MARQUES